Resenha Bibliográfica

Morin Edgar, Para sair do século XX, **Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. 346p.**

Com muita freqüência, escutamos exaltações extremadas ao progresso da humanidade. E um dos aspectos mais salientados é o prodigioso avanço tecnológico, em termos de acúmulo de conhecimento, ocorrido nos últimos tempos, sempre destacado como algo fenomenal. Entretanto, com todo o "progresso", ninguém pode deixar de verificar, na prática, que o perigo da guerra continua ameaçando a humanidade, a penúria ainda persiste em larga escala e a natureza, cada vez mais, é abalada pela ação predatória do homem na sua transformação. Assim, será que avançamos muito em relação às gerações passadas?

A solução para tal contexto em que vivemos é, inevitavelmente, um grande desafio político para a sobrevivência da própria humanidade. A política, da qual tudo depende, depende também de tudo o que depende dela. Ou seja, "o destino do mundo depende do destino político, que depende do destino do mundo". Com essa frase, Edgar Morin inicia seu livro, *Para sair do século XX*, abrindo os olhos do leitor para a real situação em que se encontra a humanidade.

Trata-se de um trabalho de fôlego, como se diz nos meios acadêmicos, com reflexões sociológicas a respeito de meios de comunicação, sistemas capitalista e socialista, ideologias, doutrinas, etc. É uma avaliação geral, porém muito bem sistematizada, da situação política (entendendo-a como produto e produtora das condições econômicas e sociais em todas as suas instâncias) do mundo contemporâneo.

Uma parte assaz empolgante deste estudo diz respeito à análise dos *meios de comunicação*. Hoje, o que acontece em uma dada região do mundo pode ser visto, no mesmo momento, em outras localidades dela extremamente distantes. Esta instantaneidade da comunicação gera uma maior participação dos homens nos acontecimentos sociais de todo o planeta. Mas há pontos negativos nessa comunicação. Isto é, o perigo de, muito em breve, os homens conhecerem o mundo e a vida só pelo vídeo, caso ele não seja bem utilizado pela humanidade, e terem como linguagem apenas a expressão desse condicionamento: homens com uma consciência limitada por esse *estar-no-mundo*, estando *ausentes*, bem descritos pelo ficcionista polonês Jerzy Kosinski, em sua parábola moderna *O Vidiota*, publicada em 1970.

Os lados negativos da comunicação moderna são observados por Edgar Morin ao assinalar que, hoje, sofremos simultaneamente de subinformação e superinformação, de escassez e excesso. Sua crítica não se reporta apenas ao condicionamento que, porventura, alguns meios de comunicação, quando mal utilizados, podem gerar nos indivíduos. O autor procura salientar também as "filtragens" na própria transmissão das notícias, que destorcem e escondem o *real*. Tal contexto é verificado principalmente nos países ditatoriais, onde há o monopólio estatal da comunicação. "A informação, num sistema totalitário, não é somente uma informação governamental; é, sobretudo, uma informação governamental totalitária. Sua característica própria não é só estar sujeita à censura do Estado, de onde resulta a subinformação; ela reside na conjunção entre a subinformação e a formação de pseudo-informação, que dão uma imagem ideal/lendária da sociedade."

O ensaísta, para comprovar suas teses, trabalha com uma série de exemplos de *comunicação*, principalmente das realidades da União Soviética e da Polônia, destacando situações desde o período do stalinismo, onde a história da União Soviética foi autenticada por fotografias truncadas, das quais desapareceram, para sempre, os rostos de Trotski, Bukharin e outros velhos bolchevistas condenados por Stalin. Aliás, há outros trabalhos sérios que revelam esses dados da União Soviética, como, por exemplo, o livro do cientista social francês Marc Ferro, *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*, lançado, já há uns três anos no Brasil, pela Editora Ibrasa.

Nas questões sobre ideologias e sistemas, Edgar Morin não faz concessões aos regimes de esquerda nem aos de direita. Suas críticas são contundentes e dirigidas a todos os lados, fundamentadas em fatos que vêm ocorrendo neste século. Uma das passagens também interessantes deste livro é a maneira como o autor interpreta o socialismo real, salientando que o termo *socialismo* passou, atualmente, a ter uma conotação pejorativa, em virtude das distorções que, na prática, esse sistema vem sofrendo. Por esse motivo, cumpre lembrar, alguns pensadores europeus, de tradição de esquerda, já há tempo preferem evitar o uso do termo *socialismo*, pois tal palavra significa, hoje, para a maioria, o regime instaurado na União Soviética e nos países similares, onde o que prevalece é a ditadura, o totalitarismo, privilegiando os elementos pertencentes à burocracia. É o caso, por exemplo, de Cornelius Castoriades, que, desde os fins dos anos

70, em seus escritos (ver *Socialismo ou barbárie — o conteúdo do socialismo*, Editora Brasiliense), deixou de lado o termo *socialismo*, substituindo-o pela expressão *sociedade autônoma*, que ele designa como *livre a ser ainda construída*.

O livro Para Sair do século XX, de Edgar Morin, *à primeira vista*, pode parecer repleto de teses reacionárias. Entretanto, lido com atenção, percebe-se que se trata de uma série de ponderações sérias, baseadas em fatos concretos, contribuindo, por isso mesmo, para uma visão realmente mais progressita do mundo contemporâneo.

Sérgio Amad Costa
Professor no Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração da EAESP/FGV. Mestre e doutorando em Ciência Política pela Universidade de São Paulo e autor de livros na área de ciências sociais.

Pagès Max; Bonetti Michel; Gaulejac, Vincent de & Descendre, Daniel. O poder das organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos. **São Paulo, Atlas, 1987. 234 p.**

Sem dúvida, merece todo nosso entusiasmo a iniciativa da Editora Atlas de publicar textos de análise organizacional de ordem mais crítica, afastados da linha dominante da literatura gerencialista, em geral pobre em conteúdo e na utilidade que em princípio deveria ter.

É dentro desse quadro que o instigante *L'emprise de l'organisation*, de Max Pagès e colaboradores, aparece em nossa língua, podendo alcançar um público muito maior do que aquele do meio acadêmico familiarizado com a produção teórica francesa.

Num encontro feliz da psicanálise e de um marxismo sem os dogmatismos e vulgaridades comuns em muitos meios, os autores fazem uma belíssima análise do poder na empresa "hipermoderna", isto é, nas multinacionais, a partir de uma rigorosa pesquisa de campo na "TLTX", nome que encobre uma grande empresa de tecnologia de ponta.

A análise leva à consideração de como a administração da angústia, presente na política de carreira e em outras, é responsável por um processo regressivo, no qual os indivíduos vivem dominados pelo medo da perda do "amor da organização" e pela lógica desse processo.

Assim, a organização apodera-se de seus membros, realizando políticas mediadoras em quatro níveis de atuação: econômico, político, ideológico e psicológico. Oferece, em cada um desses níveis, salários e carreira, autonomia, humanismo e sedução e prazer. Em contrapartida, exige trabalho disciplinado com vistas ao lucro e à expansão, submissão ao controle burocrático e eficiência, além de ameaçar e angustiar.

Paulatinamente, as contradições de ordem mais propriamente social são convertidas em contradições psicológicas, ou seja, em confronto entre ameaça e angústia, por um lado, e sedução e prazer por outro.

Na grande empresa multinacional, macanismos diversos são postos em ação no sentido de tornar os indivíduos impotentes para lutarem contra suas próprias contradições, estabelecendo uma cooperação verdadeira. Opera-se, dessa forma, uma introjeção dos princípios burocráticos; a organização tomada como solução para os problemas humanos.

Muito rica é a parte referente ao domínio ideológico, à nova igreja, com sua fé, seu credo, seus mandamentos, sua evangelização e a questão da deificação da organização. Na realidade, Pagès e seus colaboradores fazem um trabalho originalíssimo no campo do estudo do simbólico nas organizações, sem a despolitização presente numa massa muito grande de trabalhos sobre cultura organizacional.

Tem-se agora a possibilidade de conhecer o original de um trabalho que foi de grande importância para muitas teses como as de Maria Tereza Leme Fleury, de Liliana Roelfsen Petrilli Segnini e do próprio autor dessa resenha, dentre muitas outras defendidas em universidades brasileiras e estrangeiras em anos recentes.

O livro conta com tradução de Maria Cecilia Pereira Tavares e Sonia Simas Favatti e revisão técnica de Pedro Anibal Drago, da EAESP-FGV e Fundap, e Norma Missae Takeuti, doutora pela Paris-Dauphine. Mais uma vez, o cuidado da Atlas leva-nos a reconhecer que há editoras preocupadas com a qualidade dos textos sobre análise organizacional.

Fernado Claúdio Prestes Motta
Professor titular no Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos da EAESP/FGV.